



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 12

CANTOS POPULARES DA BEIRA

BAIXA

Recolhidos por *A. Thomaz Pires*

(Cont. de pag. 88, vol. XIV)

110

Tenho feito juramento
Em mais de quarenta livros,
De não amar outros olhos
Em quanto os teus forem vivos.

111

O Amor, de tão polido,
Não assenta o pé no chão,
Assenta-o, amor, assenta-o,
Assenta-o, que já é v'raão.

112

Estes mocinhos de agora
São *franguinhos* de vintem,
Promettem dez reis ás almas,
P'ra ver se a barba lhes vem.

113

Estes mocinhos d'agora,
Estes que de agora são,
Em vendo rir uma moça
Lembram-se que a teem na mão.

114

Os meus olhos são pedidos
Por fidalgos e doutores,

Dou-os por bem empregados
Aos meus primeiros amores
115

Os meus olhos são pedidos
Por fidalgos e doutores,
Dou-os por bem empregados
Aos filhos dos lavradores.

116

Os meus olhos são pedidos,
Os meus olhos não se dão
A quem eu der os meus olhos
Darei o meu coração.

117

Dae uma volta, ó tyranna,
Dae outra ao tocador,
Dae outra, se vós quizeres,
Que aqui 'stá o teu amor.

118

Visto eu aqui chegar,
Venho a dar o meu recado.
Antes que eu me morresse,
Que ficava arrecadado.

119

Quem lhe dou as arrecadas,
Que espera de arrecadar?
Toda a vida ouvi dizer:
Quem accetta ha-de dar.

120

Cantae, meu amor, cantae,
Inda hoje heis de dizer;
Quem anda no meu quintal
Não ha de gostar de morrer.

121

Inda que eu ao peito traga
Um triste cruel rigor,
Não deixarei de amar
O teu rosto encantador.

ADAGIOS DO MEZ DE SETEMBRO

O setembro ou secça as fontes,
ou leva assudes e pontes.

Em Setembro planta, colhe e
cava, que é mez para tudo.

No pó semeia que Setembro t'ò
pagará.

Agosto tem a culpa, Setembro
leva a fructa.

Quem planta no outomno, leva
um anno de abono.

Mais proveito faz o anno, do que
o campo bem lavrado.

Pelo S. Matheus, pega nos bois
e lavra com Deus.

Para boas colheitas, pede a Deus
bom tempo nas temporas de S. Ma-
theus.

Guarda prado, criarás gado.

Arranja bom Setembro, com a
burra eu te fiarei.

Azeite do de cima, vinho do meio,
e mel do fundo, não enganam o
mundo.

Para que o anno não vá mal hão-
de os rios tres vezes encher entre
S. Matheus e o Natal.

Novembro.

Os proverbios agricolas mais co-
nhecidos na nossa lingua são os se-
guintes:

Dos Santos ao Natal, inverno na-
tural, ou bem chover, ou bem nevar
—Em dia de S. Martinho, faz ma-
gusto e prova o vinho—Em dia de
S. Martinho, na adega prova o teu
vinho—Em dia de S. Martinho, lu-
me, castanhas e vinho—Cada porco
tem o seu S. Martinho—Pelos San-
tos, a neve nos campos—Cava fundo
em Novembro, para plantares em Ji-
neiro—Quem não planta a horta pe-

los Santos, inveja a dos visinhos e
espreita-a pelos cantos—Guarda que
comer, e não que fazer—A mulher
e a ovelha, com sol á cortelha—Tres
cousas destroem o homem, muito
falar e pouco saber, muito gastar e
pouco ter, muito presumar e pouco
valer—Queres pasmar teus visinhos?
Lavra, sacha, monda o campo, e es-
tercea-o no S. Martinho.

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO ALEMTEJO:

organizado por DIAS NUNES

(Continuação)

DCCVI

Quatro-coisas quer o amo,
Do creado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo,
Comer pouco, andar alegre.

DCCVII

Quem mais do que outrem quer ser,,
Não faz boa julgatura;
Todos nós somos eguaes.
No centro da sepultura.

DCCVIII

Quando meu bem esteve
Preso na cadeia,
Lagrimas com pão
Era a minha ceia.

DCCIX

Que satisfação tão grande:
Eu tive no dia d'hojel
Ir a vêr o meu amor
Estando elle lá tão longe.

DCCX

Quando o piorno fôr doce,
E o fel não amargar,
Então casarei contigo...
Quando o lume não queimar!!

DCCXI

Quando eu não tinha
Contigo a ventura,
O dia p'ra mim
Era a noite escura.

DCCXII

Quando eu não tinha
De ninguém lembrança,
Vivia no mundo
Com mais segurança.

DCCXIII

Quando eu não tinha.
Nada p'ra te dar.

Logo tu pozeste
Outra em meu lugar.

DCCXIV

Quem aposta seis vintens
Contra um cruzado novo,
Em agora me dizendo
Quantas pennas tem um córvo?

DCCXV

—A aposta está ganhada,
O cruzado novo é meu:
O corvo não tem mais penas
Que aquellas que Deus lhe deu.

DCCXVI

Saudades infinitas
Me mandaste tu a mim.
As minhas para contigo,
Só á vista terão fim.

DCCXVII

Se eu tivesse pena
Em meu coração,
Ia a tua casa
Pedir-te perdão.

DCCXVIII

Subi ao ceu por uma linha,
Desci pelo *arretroz*;
Fui buscar a salvação
Para mim mais para vós.

DCCXIX

São tantas as saudades
Que eu tenho de ti ás vezes!...
Dias me parecem annos,
Horas me parecem mezes!

DCCXX

Saudade roxa,
Deixa a roxidão.
Tambem eu deixei
A minha paixão,

DCCXXI

Sou tua desde nascida,
Já outro amor não terei;
Fiz um voto de te amar,
Puz as mãos e ao ceu jurei!

DCCXXII

Sou tua desde nascida,
Outro amor não hei de amar;
Fiz um voto de ser tua,
Jurei e tôrno a jurar!

DCCXXIII

'Stou mal com meu bem,
Guerreamos hontem;
Mas amor mais firme,
Talvez não se encontre.

DCCXXIV

Suspiros e ais,
E lamentações,
Fazem abrandar
Duros corações.

DCCXXV

Suspiros e ais,
Dou continuamente,
Eu quero-te mais
Do que a tua gente!

DCCXXVI

Suspiros e ais,
De continuo eu dou,
Eu quero-te mais
Que quem te creou!

DCCXXVII

Sinto passos apressados
Caminhando á sombra escura,
Na desgraça de meu bom
Chôro a minha desventura.

DCCXXVIII

Se fores ao cemiterio,
Entra, não peças licença;
Vorás o rico e o pobre
Juntos, sem fazer differença.

DCCXXIX

Saudade, amor,
Deve haver só uma;
Em havendo duas...
Não presta nenhuma!

DCCXXX

Se não queres vêr o rosto
Do infeliz qu te adora,
Ingrata! quando eu passar
Fecha a porta, vae-te embora.

DCCXXXI

Se as lagrimas fossem pedras,
Que eu por ti tenho chorado,
Já eu tinha a casa cheia,
De pedras té ao telhado!

DCCXXXII

Levantei-me um dia cedo,
Fui á praia a passear;
Encontrei o meu amor
Na areia ao pé do mar.

DCCXXXIII

Linda flôr é a perpetua
Colhida de madrugada,
Sempre parece solteira
A mulher que é bem casada.

DCCXXXIV

Linda joven, joven linda.
Oh minha rosa em botão!
Se meu gosto fôr ávaute,
Vens p'ra minha geração.

DCCXXXV

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três... não quero mais!
Para que quero eu amoros?
Se elles me não são leaos?!...

DCCXXXVI

Tenho um amor, tenho dois,

Tenho três e tenho quatro;
Tenho cinco, tenho seis...
P'ra vêr se d'amores me fartol

DCCXXXVII

Tenho uma paixão
Capaz d'estalar!
Estar meu bem na terra,
Não me vir fallar!

DCCXXXVIII

Tanto ai, não hay!
Tanto ai, não vil
Tanto ai!...amôr,
Que eu dou por ti!

DCCXXXIX

Toda a môça que é bonita
Não deixa de nascer;
E' como a pera madura:
Todos a querem colher.

DCCXL

Roubei-te um beijo não digas
A ninguem que eu sou ladrão.
Eu roubei-te um beijo d'alma
P'ra trazer no coração.

DCCXLI

Hei-de-me ir embora,
Hei-de-me ir sabindo;
Tu has-de ficar
Em casa dormindo.

DCCXLII

Ha três mezes que não como
Senão lagrimas e pão.
Estes são os alimentos
Que meus amores me dão.

DCCXLIII

O meu amôr é pastôr,
Toda a vida guardou gado;
Tem uma chaga no peito
De se arrimar ao cajado.

DCCXLIV

Oh Villa-Real alegre,
Lá ia morrendo á sêdel
Uma sêcia me deu agoa
Da raiz da salsa verde.

DCCXLV

Oh Villa-Real alegre,
Provincia de Traz-dos-montes.
Os dias que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes.

DCCXLVI

O meu lindo amôr
Vive descaçado;
Os rivaes que tem
Não lhe dão cuidado.

DCCXLVII

O cypresto lá no valle
E' recreio dos passarinhos.
Em quem destes os abraços,
Volta atraz, dá os beijinhos,

DCCXLVIII

Oh meu lindo amôr,
Eu quero-te mais
Do que á flôr da murta
Lá nos olivaaos

DCCXLIX

Oh meu lindo amôr
As pazes 'stão feitas!
P'ra fazer raivar
'Mas certas sujeitas...

DCCCL

O anel que tu me deste
Era de vidro-quebrou-se:
A amizade que te eu tinha
Era pouca, e essa acabou-se.

DCCCLI

Os teus lindos olhos
Sã irmãos dos meus;
Não lhes dou quebranto...
Digo: «benza-os Deus!»

DCCCLII

O' José cabello, loiro
Cintura de capitão,
Cadeado do meu peite,
Chave do meu coração!

DCCCLIII

O' José cabello loiro
Penteado no deserto!
Eu não vi amôr tão firme
Namorar com tanto affecto!

DCCCLIV

O meu bem é rico,
Eu é que sou pobre.
Com suas fazendas
Talvez me não logro!

DCCCLV

O' cannival da quinta,
O' agua do caramelo.
Deixa do amar a quem amas,
Verás o bem que te eu quero!

DCCCLVI

O' meu amôr, se te fores
Escribe-me do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas azas d'um passarinho.

DCCCLVII

José amo, José quero,
José trago no sentido;
Cada vez que em José fallo,
Minh'alma se enche d'allivio.

DCCCLVIII

José amo, José quero,
José trago na memoria;
Cada vez que em José fallo,
Minh'alma se enche de gloria.

(Continúa)